

O “FATOR DEUS” EM JOSÉ SARAMAGO

RESUMO

Deus é uma personagem importante (e onnipresente) na obra de Saramago. Mas será apenas uma figura de ficção? Mesmo afirmando-se não crente, José Saramago reconhece-se como um produto do cristianismo e tem consciência de que milhares de seres humanos acreditam em Deus, ou no transcendente. A sua luta, portanto não é com Deus — que para ele não existe —, mas com os intermediários de Deus: as religiões e os líderes religiosos. Todavia, como ele gostaria que Deus existisse e intervisse, indignado, para confrontar o ser humano — que já perdeu essa capacidade de indignação — com a própria ideia de humanidade! A esse ponto nos provoca o Nobel português.

Palavras-chave: ateísmo, Deus, humanismo, indignação, religião

THE “GOD FACTOR” IN JOSÉ SARAMAGO

ABSTRACT

God is an important (and omnipresent) character in Saramago’s work. But is it just a fictional figure? Even claiming to be a non-believer, José Saramago recognizes himself as a product of Christianity and is aware that thousands of human beings believe in God, or in the transcendent. His struggle, therefore, is not with God — who for him does not exist — but with God’s intermediaries: religions and religious leaders. However, how he would like God to exist and intervene, disgusted, to confront the human being — who has already lost this capacity for indignation — with the very idea of humanity! Up to this point, we are provoked by the Portuguese Nobel.

Keywords: atheism, God, humanism, indignation, religion

EL “FACTOR DIOS” EN JOSÉ SARAMAGO

RESUMEN

Dios es un personaje importante (y omnipresente) en la obra de Saramago. ¿Pero es solo una figura ficticia? Aun afirmando no ser creyente, José Saramago se reconoce producto del cristianismo y es consciente de que miles de seres humanos creen en Dios, o en lo trascendente. Su lucha, por tanto, no es con Dios — que para él no existe — sino con los intermediarios de Dios: las religiones y los líderes religiosos. Todavía, ¿cómo le gustaría que Dios existiera e interviniera, indignado, para confrontar al ser humano — que ya ha perdido esta capacidad de indignación — con la idea misma de humanidad! Hasta este punto nos provoca el Nobel portugués.

Palabras-clave: ateísmo, Dios, humanismo, indignación, religión

Deus é pedra angular na obra de José Saramago. Ele próprio o diz a Eduardo Mazo: “Sin Dios mi obra quedaría incompleta” (Saramago, 2002). Contudo, nessa mesma entrevista, o Nobel português faz questão de esclarecer que a sua luta não é contra Deus, exista ou não, mas contra o que chama “fator Deus”: “[...] el factor Dios, eso sí, existe [en la cabeza de la gente]. Es contra el factor Dios que yo escribí”. A expressão “fator Deus” fora usada alguns meses antes num título de um artigo de opinião publicado nos jornais *El País* e *Público*, no dia 18 de setembro de 2001, uma semana depois dos atentados de Nova Iorque; depois, será retomada numa entrevista concedida a Jorge Halperín, publicada em livro em finais de 2002, onde acrescenta: “Para mim, o *fator Deus* já não tem nada a ver com Deus. É usar a ideia do Supremo para coisas que não têm nada a ver com a religião” (Aguilera, 2010, p. 128; grifo na obra citada).

Os atentados do 11 de Setembro de 2001 vieram mostrar, mais uma vez, como toda a violência perpetrada em nome de Deus é abjeta. Até então, e desde publicação d’*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Saramago falava do Deus bíblico, do Deus judaico, do Deus da Igreja. Ou seja, do Deus judaico-cristão, aquele que fazia parte da sua “mentalidade cristã”, como então dizia. No entanto, já nessa obra se falava de um outro Deus “que ainda está por aparecer” (Saramago, 2008, p. 388), em nome do qual se fariam muitas guerras. A voz do narrador insinuava que os dois deuses eram “heterónimos” (Saramago, 2008, p. 389) — a haver Deus, ele só poderia ser um só (Aguilera, 2010, p. 123)! Porém, n’*O último caderno*, Saramago volta a referir os dois deuses, criados pelo homem — o “fator Deus” —, sugerindo agora que esse mesmo homem invente um terceiro Deus, ecumênico, que obrigue “a los impertinentes desavenidos [cristianismo e islamismo] a deponer las armas y dejar en paz a la humanidad” (Saramago, 2010, p. 247).

Assinalando os trinta anos da primeira edição d’*O Evangelho segundo Jesus Cristo* e o centenário do nascimento do Nobel português, neste estudo, queríamos abordar a complexa questão de Deus no escritor por-

tuguês. Ao longo dos anos, Saramago foi insistindo em separar Deus – teimando em dizer que, para ele, não existe – do “fator Deus”, ou seja, desse Deus criado pela mente humana, que existe e que ele permanentemente questiona. É verdade que o autor d’*O Evangelho* e de *Caim* parece comungar do secular antibibliismo (Pinto, 2016). Mas este não explica tudo. A questão é bem mais vasta, como se percebe por alguns estudos (Oliveira, 2002; Martins, 2014). Há já uma via aberta, na qual queremos fazer caminho.

Portanto, mais do que uma reflexão sistemática sobre o assunto, o que aqui levamos a cabo é uma viagem pelos escritos e pronunciamentos do autor, privilegiando, claro está, a obra que agora é objeto de comemoração: *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Algumas frases do Nobel português irão balizar este nosso caminho.

O DEUS DO ANTIBIBLISMO

Nos romances bíblicos de José Saramago – que Manuel Frias Martins designa como “carta aberta a Deus” (2014, p. 125) — a personagem do Deus vilão é herdeira tanto do demiurgo de Marcião, responsável pela criação, como do deus cristão rejeitado pelos deístas do Século das Luzes, a favor do grande Arquitecto do universo, ou ainda da deusa Razão.

Marcião de Sinope (c.85–160 d.C.), do ponto de vista moral, foi um homem chocado com inúmeras passagens da Bíblia hebraica. Grande defensor da exegese literal, ele não via qualquer interesse nas escrituras judaicas. Em seu entender, o Deus veterotestamentário não podia, de modo algum, ser o Pai de Jesus Cristo, por ser violento e justiceiro. Com efeito, o Deus de Israel age segundo o antigo princípio da retaliação, “Olho por olho, dente por dente” (Ex 21, 24; Lv 24, 20; e sobretudo Dt 19, 21), princípio esse condenado por Jesus (cf. Mt 5, 38–42). Esse Deus é um monarca severo e cruel, sedento de sangue e promotor de guerras. O contraste com o Deus de Jesus é marcante: se o demiurgo veterotestamentário é um deus guerreiro (cf. Números e Josué), Cristo, porém, proíbe a violência e prega a misericórdia (cf. Mt 5, 39; Lc 6, 36); o Deus

judaico ordena aos israelitas que espoliem os egípcios e se apetrechem bem para a viagem que vão realizar até Canaã (cf. Ex 12, 33–36), enquanto Cristo envia os seus discípulos de mãos vazias (cf. Mc 6, 8–9 par.); aquele Deus nacionalista ordena que se ame os que são próximos e se odeie os inimigos (cf. Lv 19, 18; Dt 23, 4–7), enquanto Cristo manda que se amem mesmo os inimigos (cf. Mt 5, 43–47); enfim, enquanto o Deus mosaico recomenda a oração durante o combate, para que os exércitos de Javé matem o maior número possível de inimigos (cf. Ex 17, 8–16), Cristo, por seu turno, abre os braços na cruz para salvar a todos (ver síntese em Räsänen, 2005, p. 108).

Leitores das grandes obras de exegese bíblica da altura de autores como Baruch Spinoza, Richard Simon, Abbé Calmet ou Jean d’Astruc, os deístas do séc. XVIII – particularmente Voltaire e Paine — nem por isso deixaram de atacar a autenticidade e a autoridade da Bíblia enquanto revelação divina, manifestando as suas tensões e contradições internas, mormente no âmbito moral. Na realidade, o seu objetivo principal era atacar a autoridade da(s) Igreja(s) cristã(s), recusando o seu Deus e propondo um Deus criador de tipo filosófico, que ordenou o mundo segundo suas leis matemáticas e que se mantém completamente transcendente — e até alheio — ao mesmo. Como Marcião, na Antiguidade, Voltaire (Cotoni, 1986; Gargett, 2009) lança uma crítica moral feroz às Escrituras cristãs: ao Antigo Testamento, por estar repleto de histórias de violência e massacres, mas também de “imoralidades” de toda espécie (mentiras, roubos, traições, adultérios etc.); e ao cristianismo, pela sua perseguição aos judeus (os conflitos religiosos), não obstante serem ambas religiões constituídas de “filhos de Abraão”. De igual modo Paine (Caron, 2007) considera a Bíblia uma “trama” de mentiras, atrocidades e blasfêmias. É também a dimensão moral que é visada pela sua crítica: o Deus bíblico é um Deus violento, injusto, imoral e vingativo; e o povo eleito apenas se distingue dos outros povos pelos crimes e barbáries que comete. Para ele, a Bíblia não é senão uma “impostura” ou “fraude” cuja autoridade foi imposta aos homens por agentes cínicos e corruptos (Paine, 1827, p. 98, 115–116)

“DEUS DE CERTO MODO É DE FACTO O MAU DA FITA”

A afirmação de Saramago, na entrevista que concedeu a José Carlos de Vasconcelos por ocasião da saída d’*O Evangelho* (Saramago, 1991: 8), aproxima-o das posições de Marcião acima referidas. Em entrevistas posteriores, particularmente em duas que ocorreram no programa *Roda Viva*, da TV Cultura (São Paulo), essa aproximação é ainda mais clara. Logo em 1992, respondendo a uma pergunta de Luiz Antônio Giron, Saramago refere:

O Deus do meu livro não é o Deus de que hoje se fala. O Deus, digamos, da Igreja, hoje, é o Deus do amor, o Deus da compaixão, o Deus do perdão. Aquele Deus não tem nada que ver com o Deus que foi sendo refeito ao longo destes dois mil anos, e que acabou por se assemelhar ao filho. [...] o meu Deus, ou melhor dizendo, para não haver equívocos, o Deus d’*O Evangelho segundo Jesus Cristo* é o Deus bíblico, é o Deus dos judeus (Saramago, 1992).

E, seis anos mais tarde, questionado por Norma Couri acerca desse Deus vilão, o autor completa o que anteriormente dissera:

Não, [Deus] não é como uma pessoa má. [...] Não... repare que o Deus nesse tempo é o Deus do Velho Testamento, o Deus de quem Jesus fala. Não é o Deus de que ele próprio, de certa maneira, é autor. O que acontece é que a imagem que temos de Deus, a partir do Deus bíblico, Jeová, que é uma personagem colérica, mal disposta, está sempre disposto a castigar qualquer ação, tem sempre coisas absolutamente absurdas... que é mandar que Abraão mate o filho [...] Então, é esse Deus... é esse Deus que está em causa, o Deus sedento de domínio, sedento de poder. E não estou... não estou a caluniar, porque a história que veio depois veio mostrar que esse Deus foi transformado nisto mesmo [...] (Saramago, 1998).

Nas palavras de Saramago, há uma distinção entre o Deus do Velho Testamento – o Deus bíblico, ou o Deus

dos judeus — e o Deus *construído* por Jesus, que, em 1992, ele ainda designava de “Deus da Igreja”. O primeiro é violento, agressivo, irascível e vingativo; o segundo, bom, misericordioso e amoroso. A mesma distinção que fazia Marcião. Por causa dessa distinção, o exegeta de Sinope desentendeu-se com a “Grande Igreja” e provocou o primeiro cisma importante, uma vez que defendia que o Velho Testamento deveria ser posto de parte. Mas isso não aconteceu. Por isso, o atual leitor da Bíblia continua a ser confrontado com a violência de algumas das suas narrações (Vaz, 2002, p. 61), e nomeadamente com um Deus ciumento e vingativo: “Javé é um Deus ciumento e vingativo. Javé é um vingador irascível. Javé vinga-se dos seus adversários e trata com rigor os seus inimigos” (Na 1, 2). Um estudioso deste tema, o exegeta alemão Norbert Lohfink, corrobora de fato que “o Antigo Testamento é um dos livros mais sangrentos da literatura mundial” (Lohfink, 1978, p. 13; trad. nossa).

Sendo um brilhante provocador, “Saramago assumiu, com visível energia a partir da década de 1990, a função crítica do homem de cultura envolvido pelo pulsar do seu tempo [...] e empreendeu a tarefa de desestabilizar, mediante o questionamento, uma realidade que julgou opaca, confusa e injusta” (Aguilera, 2010, p. 477). Com *O Evangelho*, primeiramente, e com *Caim*, depois, o escritor interpelou as representações violentas de Deus — as bíblicas e as eclesiais —, a ponto de, em 2009, para escândalo de muitos, afirmar que “o Deus da Bíblia é rancoroso, vingativo e má pessoa. O Deus da Bíblia não é de fiar” (Penafiel, 21 de outubro de 2009).

Contudo, o conflito de Saramago, como foi dito, não é com Deus, mas “com algo que se transformou num poder”. Neste contexto — como acontece noutros textos seus (ver Martins, 2014, p. 77-91) —, Saramago desculpabiliza Deus, caso ele exista:

Digamos que eu tenho uma questão a resolver, como pessoa comum, nada mais do que isso, com algo que se transformou num poder. Uma imagem de uma transcendência que não pode ter nada que ver com o poder, porque está... porque deveria estar acima de qual-

quer... de qualquer vocação de poder sobre os seres humanos, porque nisso é que estamos, foi transformado numa espécie de pai autoritário, de fiscal das nossas ações, de juiz, de carrasco também, e disso não pode ter culpa nenhuma, supondo que Deus existisse, não pode ter culpa nenhuma o próprio Deus. Terá culpa, ou terão culpa aqueles que falam em nome dele [no cristianismo ou em qualquer outra religião] (Saramago, 1998).

Assim, n’*O Evangelho*, essa imagem transformada — o Deus vilão — exerce, quer na sua relação com Jesus, quer na sua relação com os seus seguidores (na instituição por ele fundada), o poder de forma autoritária, opressiva, provocando sofrimento, horror, renúncias, sacrifícios, torturas.

Embora sendo ateu confesso, José Saramago sempre afirmou ter uma “mentalidade cristã” (Reis, 2008, p.105). Foi batizado. Cresceu nesse caldo cristão, onde provavelmente bebeu a ideia de Deus que transparece nos seus romances, e sobretudo n’*O Evangelho*. É uma ideia de Deus profundamente anselmiana, centrada no sacrifício da cruz e na famigerada teoria da satisfação. Não podemos esquecer-nos de que a reflexão de Santo Anselmo foi feita em pleno feudalismo: Deus é apresentado como um senhor que exerce um domínio e uma possessão sobre todas as coisas. Além disso, a importância teológica que se dá à satisfação está também ela muito ligada à noção medieval de honra, bem como a um conceito de justiça (comutativa) que não é de todo o conceito bíblico. Neste quadro, a honra divina é ofendida, roubada, e o homem não pode reparar essa ofensa! A justiça exige então a morte, o sacrifício cruento de Cristo (homem-Deus) — o pacto sacrificial cuja ideia de satisfação roça o sentido do castigo. Deus Pai adquire traços de tirano e de sanguinário, e desaparecem a misericórdia, dando lugar apenas à justiça, e a ressurreição, ofuscada pelo sacrifício cruento na cruz (Sesboüé, 1990, p. I, 353-370)!⁶

Esse Deus sádico, cruel, mesquinho, que sacrifica seu próprio filho, continuaria ao longo da história a exigir sacrifícios, renúncias, sofrimento aos seres humanos. Seu desejo de universalidade (donde o termo, de

origem grega, “católico”) seria motivo de discórdias, desentendimentos, guerras.

Deus, Deus de certo modo é de facto o mau da fita: em primeiro lugar, quase dá vontade de dizer, é a encarnação do Poder, tornando o Poder neste caso ainda mais abstracto que o próprio Deus que o encarnaria. E quando o Poder, além de ser naturalmente antipático[,] se exerce de uma forma tão autoritária, tão opressiva, como na relação de Deus com Jesus, quando sabemos tudo [o] que se vai passar em sofrimento, em horror, em renúncias, em sacrifícios, em torturas, em tudo aquilo [—] além do que de positivo teve — que foi a história do Cristianismo, dá vontade de tratar — a mim deu-me — Deus como o grande responsável. Ao querer mais poder, mais influência, mais domínio, Deus de certo modo é o político que não olha a meios para atingir os seus fins (Saramago, 1991, p. 8).

“O QUE É QUE VOCÊS SABEM DE DEUS?”

Depois da publicação do romance *Caim*, em 2009, José Saramago aceitou participar em dois debates com clérigos — com Joaquim Carreira das Neves, no programa *Frente a frente* da SIC, e com José Tolentino de Mendonça, no jornal *Expresso* –, nos quais teve duas afirmações verdadeiramente espantosas. A meio da conversa com o (então) padre Tolentino, e falando-se precisamente do Deus bíblico, Saramago dispara: “O que é que vocês sabem de Deus?” E na conversa com o biblista Carreira das Neves, tratando-se do uso de metáforas e imagens para falar de Deus, ou do mundo de Deus, o Nobel português é ainda mais contundente: “Mas a Igreja não sabe nada de Deus”!

Estas afirmações têm o seu quê de enigmático num ateu, ou melhor, num não-crente como Saramago. De fato, ele refere-se várias vezes ao que denomina “impossibilidade de se ser ateu”. “O verdadeiro ateu — afirma — seria aquele que tivesse nascido num país, numa cultura, numa civilização e numa sociedade onde a palavra ateu não existisse” (Reis, 2008, p. 105). Ele não acredita em Deus, mas está completamente marcado pela mentalidade cristã, não apenas “cultural, mas também

ética: é o que diz respeito ao sentido dos deveres, ao sentido de determinados valores que têm uma relação mais ou menos direta com o cristianismo” (Reis, 2008, p. 105). Como tal, embora não crente, Saramago não pode ignorar, não a presença de Deus, mas a presença dos intermediários: “aqueles que se instituíram como intermediários de Deus condicionaram e continuam a condicionar em grande parte a nossa vida, o nosso modo de viver, o nosso próprio modo de pensar” (Reis, 2008, p. 106).

O conflito de Saramago, portanto, não é com Deus, que não existe, mas com os que falam em seu nome, os intermediários de Deus. Em 2009, na conversa com o padre Tolentino, ele dirá: “Meu caro, não me tiram nem sequer uma (*sic*) grama ou um átomo da minha raiva contra a instituição chamada Igreja católica”. Ou ainda: “Eu não toco nisso [na fé dos simples]. O meu objectivo é outro: a Igreja como instituição de domínio, como poder, como castradora de algumas das virtudes naturais do homem”.

No *Memorial do Convento*, é já esse Deus eclesiástico que é visado pelo escritor (Oliveira, 2002, p. 98). Depois, o que Saramago afirma n’o *Evangelho* é que esse Deus não é diferente do Deus veterotestamentário, o Deus nacional judaico: ele continua a ser violento, cruel e sanguinário. Ao querer tornar-se “católico”, universal, global, revela-se implacavelmente obstinado pelo poder (Oliveira, 2002, p. 231).

Morrerão centenas de milhares de homens e mulheres, a terra encher-se-á de gritos de dor, de uivos e rancos de agonia, o fumo dos queimados cobrirá o sol, a gordura deles rechinará sobre as brasas, o cheiro agoniará, e tudo será por minha culpa, Não por tua culpa, por tua causa, Pai, afasta de mim este cálice, Que tu o bebas é a condição do meu poder e da tua glória, Não quero esta glória, Mas eu quero este poder (Saramago, 2008, p. 391, grifo nosso).

Portanto, o Deus ficcional de Saramago é o Deus eclesiástico, produzido pelo intelecto humano (Martins, 2014, p. 149). Mais: esse Deus “acaba por constituir um obstáculo tremendo à felicidade humana, em particu-

lar à felicidade dos menos afortunados” (Martins, 2014, p. 150). O episódio das bem-aventuranças n’*O Evangelho* — pronunciadas “num dia em que Deus o deixara mais à solta” (2008, p. 403–404) — é bem elucidativo disso, uma vez que, depois das “lágrimas de felicidade” que brotaram na sequência das palavras improvisadas pelo homem Jesus, vieram as “negras lástimas por um futuro negro”, devido às palavras que Deus forçou Jesus a dizer, a saber, a bem-aventurança das perseguições dos discípulos de Cristo.

O padre Tolentino reconhece também que nas obras de Saramago “há um exercício, ainda que abrasivo e extremo, de purificação da linguagem religiosa” (Mendonça, 2015, p. 90). Esta é, com frequência, insuficiente para nomear o divino. Neste sentido, “[o] humanismo comprometido de Saramago faz-lhes [aos crentes] ver, com intransigência, que a mais inadequada de todas é a do poder e da violência” (Mendonça, 2015, p. 90).

Em suma, Saramago não só teve a vontade de responsabilizar Deus pelo horror do sofrimento, das renúncias, dos sacrifícios, das guerras e das torturas que pautam a história do cristianismo (ver seção anterior), como diz mesmo:

Tenho umas contas a acertar com Deus, porque há coisas que não lhe perdo, se supostamente ele existir. Não suporto a maldade e a hipocrisia que cresceram à sombra não só do cristianismo, mas das religiões em geral, que *nunca serviram para unir os homens* (Aguilera, 2010, p. 131, grifo nosso).

As obras de José Saramago, portanto, estão ao serviço deste ajuste de contas. Acontece que a ideia de Deus saramaguiano não inclui essa possibilidade – “ninguém lhe pedirá contas [a Deus]” (Saramago, 2011, p. 151), ou “[diz Deus:] não tenho que dar contas senão a mim mesmo” (Saramago, 2011, p. 166) —, pelo que se torna verdadeiramente curiosa a fala de um anjo dirigida a Caim, que representa ali o *alter ego* de Saramago, relativamente ao problema da justiça divina: “Creio que o senhor apreciaria discutir contigo sobre estes assuntos” (Saramago, 2011, p. 151).

“CREIO QUE SOU DE CERTO MODO UM ESPÍRITO RELIGIOSO”

Num ensaio notável, Manuel Frias Martins põe a hipótese de uma espiritualidade saramaguiana, na medida em que se pressente “a existência de um subtexto espiritual clandestinamente operativo”, na “preocupação ética” do homem e do autor — Saramago —, nesse “impulso de denúncia das injustiças do mundo” (Martins, 2014, p. 14).

A hipótese surpreendeu de algum modo os estudiosos, seja porque colidia com a recorrente confissão saramaguiana de ateísmo, seja porque a obra do Nobel português era vista sobretudo como uma antiteodiceia (Mendonça, 2015, p. 90). Essa nova hipótese, portanto, tornava mais complexa a questão de Deus.

Na entrevista que deu a Carlos Reis, em 1998, a propósito da onipresença da ideia de Deus na sua obra, Saramago dizia a certa altura: “Só que eu creio que sou de certo modo um espírito religioso, e não só no sentido etimológico” (Reis, 2008, p. 106). Esta afirmação, algo enigmática, vem completar o que dissera um pouco antes, de que tinha uma “mentalidade cristã”, não apenas em sentido cultural, mas também “ético”, referindo-se ao “sentido dos deveres” e a “determinados valores” com “uma relação mais ou menos direta com o cristianismo” (Reis, 2008, p. 105).

A preocupação ética — e já vimos que Saramago inventa histórias para “exprimir preocupações, interrogações...” (Aguilera, 2010, p. 257) — tem um fundamento cristão. Embora ele costume repetir que Deus é apenas uma personagem de ficção, que ele convoca frequentemente nos seus textos, no entanto, continua ele nos seus *Cadernos de Lanzarote*,

debo confesar que algunas veces, a lo largo de mi vida, he sentido la falta de su presencia real y de su intervención efectiva. No en aquella versión compasiva, amorosa y perdona-pedados que Jesucristo inauguró y que el más hipócrita de los sentimentalismos de sacristía prolonga hasta hoy, sino en la figura de la

indignación y de la rebelión, ya que nosotros la hemos perdido, si es que alguna vez la tuvimos en la medida justa y necesaria (Saramago, 2001, p. 510–511).

Em duas prosas de 1996 e 1997, o Nobel português descreve um Deus “indignado”, que até se “arrepende” dos seus atos. A primeira delas é o prólogo que escreveu para o livro *Terra*, de Sebastião Salgado, um testemunho fotográfico da luta dos camponeses brasileiros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O Deus aí ficcionado parece comungar da indignação dos teólogos da teologia da libertação:

Puesto ante todos estos hombres reunidos, ante todas estas mujeres, ante todos estos niños (sed fecundos, multiplicaos y llenad la Tierra, así les fue mandado), cuyo sudor no nació del trabajo que no tenían, sino de la agonía insoportable de no tenerlo, Dios *se arrepintió* de los males que había hecho y permitido, hasta el punto de que, en un arrebato de contrición, quiso mudar su nombre por otro más humano. Hablando a la multitud, anunció: “A partir de hoy me llamaréis Justicia”. Y la multitud le respondió: “Justicia ya tenemos, y no nos atiende”. Dijo Dios: “Siendo así, tomaré el nombre de Derecho”. Y la multitud volvió a responderle: “Derecho ya tenemos, y no nos conoce”. Y Dios: “En ese caso, me quedaré con el nombre de Caridad, que es un nombre bonito”. Dijo la multitud: “No necesitamos caridad, lo que queremos es una Justicia que se cumpla y un Derecho que nos respete”. Entonces Dios comprendió que nunca tuvo, verdaderamente, en el mundo que creía ser suyo, el lugar de majestad que había imaginado, que todo fue, finalmente, una ilusión, que también él había sido víctima de engaños, como aquellos de los que se estaban quejando las mujeres, los hombres y los niños, y, humillado, se retiró a la eternidad (Saramago, 2001, p. 200–201, grifo nosso).

A segunda, de que tiramos o texto antes citado, é um artigo publicado na revista *Visão* – intitulado “De cabeça perdida” —, a propósito de uma notícia relativa ao transplante de cabeça! Saramago imagina uma cria-

ção perfeita, “un universo animado por el movimiento continuo en el que vivirían unos animales simpáticos, bípedos, de agradable presencia en su conjunto, respetuosos tanto de lo propio como de lo ajeno y trabajando en buena armonía para la felicidad común” (Saramago, 2001, p. 509). Porém, a humanidade degenerou, deixando de ser aquilo que Deus quis dela. Uma vez que o homem se tornou incapaz de indignação e rebelião, o escritor desejava então a presença (ou intervenção) de “un Dios que nos obligara a encarar de frente y a responder por nuestras ofensas, no a él, sino a la idea de humanidad” (Saramago, 2001, p. 511).

À necessidade de intervenção divina aludem ainda dois outros episódios também narrados nos seus *Cadernos*. De visita ao santuário de Fátima — “para satisfacer la curiosidad de Pilar” —, depara-se com os pagadores de promessas que se arrastam de joelhos pela passadeira de pedra. Reação imediata do escritor: “Si estuviese Jesús allí tengo la certeza de que les diría: ‘Dios no puede querer esto’. Y diría más: ‘Levantaos. No bajéis la cabeza. A Dios hay que mirarlo de frente’” (Saramago, 1997, p. 690). Mais visceral foi um outro episódio ocorrido em Buenos Aires, por ocasião de uma visita a Ernesto Sábato. Antes do encontro com o escritor argentino, Pilar e José visitaram os Santos Lugares, onde foi erguida uma enorme igreja a imitar a basílica de Nossa Senhora de Lourdes. Diante de várias formas de piedade que deixam muito a desejar, diz o autor,

Me entró, y se quedó dentro doliéndome, una insoportable melancolía, como siempre me sucede ante el espectáculo de una creencia reducida a supersticiones sin espiritualidad. De buena gana hubiera ido a preguntarle a aquellas personas: “¿No les basta con creer en Dios?”. A lo mejor, el problema está ahí, no creen de verdad... (Saramago, 2001, p. 148–149).

Se n’O *Evangelho* Jesus é o cúmplice de Saramago nas suas “denúncias morais da injustiça, da fome e da miséria” (Martins, 2014, p. 154), nestes textos e testemunhos, ele parece querer que o próprio Deus intervenha, para comprometer o homem consigo mesmo. Por conseguinte, Saramago culpa sobretudo a religião pelo que

diz serem “os desentendimentos” do homem com Deus, tornando-se instrumento de uma relação mistificadora com o divino. Neste sentido, não é a existência ou a não existência de Deus que o preocupa, a verdadeira “questão saramaguiana está na *religio* com o divino ou, mais exatamente, no divino como religião. Cortar as pontes com a religião, sim, não com Deus como possibilidade da razão” (Martins, 2014, p. 90).

A este propósito, podemos ainda evocar um último aspecto. A palavra “desassossego” parece ser um termo fundamental em Saramago. Segundo Aguilera, “ele procurava o desassossego, porque entendia as funções criativas como instrumentos a serviço de um projeto cívico e humanizador” (2010, p. 12). Com efeito, em entrevista a José Manuel Mendes, em 1993, o escritor português classificava *O Evangelho* como um livro do desassossego:

De uma certa maneira se poderia dizer que *O Evangelho segundo Jesus Cristo* também foi um “livro do desassossego”, embora de um outro tipo de desassossego, dado que, no caso de *Livro do desassossego* propriamente dito, que é uma obra-prima, se trata do desassossego do próprio autor, do Bernardo Soares, do Fernando Pessoa. No caso do *Evangelho* — não estou a estabelecer qualquer outro tipo de paralelo —, o livro desassossejou as pessoas, desassossejou aquilo a que se poderia chamar consciência nacional... até acabou por desassossegar a própria Igreja... (Aguilera, 2010, p. 306).

Uma década mais tarde, Saramago dirá ainda ao jornal *El Dia*, de Tenerife: “[Não escrevo] por amor, mas por desassossego. Escrevo porque não gosto do mundo em que estou a viver” (Aguilera, 2010, p. 216).

O escritor vive desassossegado e cético: “Eu sou tão pessimista que acho que a humanidade não tem remédio. Vamos de desastre em desastre e não aprendemos com os erros” (Aguilera, 2010, p. 141). Apesar de tudo isso, apesar da maldade humana — “suscitada pelo egoísmo, a crueldade, a intolerância, a injustiça e a violência

exercida sobre o resto dos congêneres” (Aguilera, 2010, p. 145) —, José Saramago nunca deixou de acreditar no poder da bondade: “O único valor que considero revolucionário é a bondade, que é a única coisa que conta” (Aguilera, 2010, p. 32). Entretanto, ele vai proclamando que “faz falta uma insurreição ética” (Aguilera, 2010, p. 113), fundada sobretudo no respeito pelo outro.

O LIVRO DE JOB: DEUS E O DIABO

Sabemos que José Saramago é um leitor atento da Bíblia, “um homem fascinado pelas suas histórias e personagens” (Martins, 2014, p. 53). Porém, enquanto autor, não é seu interesse reescrever os textos bíblicos, mas “interrogar, interpelar, compreender a cultura que lhe coube em sorte viver, e muito particularmente compreender a mente por detrás de uma figura tutelar dessa cultura que dá pelo nome de Deus” (Martins, 2014, p. 125).

Nas suas entrevistas, Saramago refere com frequência os livros bíblicos que leu, nomeadamente os livros do Pentateuco (sobretudo Gênesis, Êxodo e Deuteronômio), os livros sapienciais (Salmos, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes etc.) e os Evangelhos. Embora nem sempre o refira especificamente, o livro de Job — particularmente a parte narrativa que enquadra o texto sapiencial (Jb 1–2 e 42, 7–17) — é certamente um dos textos que mais o marcou. N’*O Evangelho*, o livro é citado algumas vezes, mas, sobretudo, é dele que o autor retira o argumento fundamental da obra: Jesus, à semelhança de Job, é vítima de uma intriga celestial. Contudo, diferentemente do livro veterotestamentário, em que cabe a Deus o papel de salvador (Jb 19, 25–26), no romance saramaguiano é o Pastor (= Diabo) quem, numa última tentativa, procura salvar Jesus do sacrifício da cruz, invertendo-se assim os papéis, num claro processo de carnavalização literária — “Deus é o Diabo neste evangelho e o Diabo é o salvador do Salvador” (Oliveira, 2002, p. 238).

Na entrevista televisiva com o padre Carreira das Neves, ao falar-se de Deus, Saramago refere explicitamente esse concílio celeste no início do livro de Job, para manifestar a sua estranheza relativamente à pre-

sença ali de Satã, e à proximidade que existe entre o Diabo e Deus (“quase [o] trata por tu”)! É isso que o escritor reflete n’*O Evangelho*, quando diz que são parecidos (Saramago, 2008, p. 372), que são “como gémeos” (Saramago, 2008, p. 368), podendo estar um dentro do outro (Saramago, 2008, p. 242). Haveria então coisas, interesses e segredos em comum entre eles (Saramago, 2008, p. 359, 369 e 380), e o sucesso de um seria o sucesso do outro (“quanto mais Deus crescer, mais crescerá o Diabo”; Saramago, 2008, p. 378). Na entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, de 1992, dirá mesmo: “No fundo, são um só” (Saramago, 1992); noutras, não se cansará de repetir que Deus e o Diabo são produtos do cérebro humano (Aguilera, 2010, p. 128-129, 137-138; Saramago & Tolentino, 2009).¹⁸

Nesses textos do livro de Job, precisamente, está em causa a imagem — a construção mental — que os homens se fazem de Deus. No livro propriamente dito, o texto sapiencial (Jb 3,1–42,6), os amigos de Job falavam de um Deus justiceiro e castigador, de quem provém o bem (a bênção) e o mal (o castigo), enquanto Job se revoltava contra esse Deus, chamando-o de “cruel” (Jb 30, 21) e sádico, permitindo-se “blasfemar” contra ele (Römer, 2022). Pasmem-se: no final, Deus dá-lhe razão e acusa os amigos de Job (os teólogos dogmáticos de então) de não terem falado corretamente de si! Por seu turno, o enquadramento narrativo, que é um acréscimo posterior (de clara influência persa), vem introduzir ainda mais ruído no discurso sobre a divindade, uma vez que introduz uma nova personagem — Satã — para explicar a origem do mal e das injustiças. Ora, os textos de Saramago parecem refazer o contexto que encontramos no livro de Job, compondo, no dizer de Salma Ferraz, uma espécie de “antiteodicéia numa tentativa crítico-literária de entender Deus” (Oliveira, 2002, p. 258).

O teólogo Juan José Tamayo compara a “luta titânica” de Saramago com/contra Deus com a do próprio Job, relevando uma definição poética de Deus escrita um dia — 23 de fevereiro de 1994 — pelo Nobel português: “Deus é o grande silêncio do universo, e o ser humano o grito que dá sentido a esse silêncio” (Saramago, 1997, p. I, 266). Em conversa entre os dois, Tamayo dirá a

Saramago que essa definição “está más cerca de un místico que de un ateo” (Tamayo, 2022). Ora, essas palavras impressionaram o autor português, que nunca mais as esqueceu.

É claro que José Saramago nega a existência de um determinado Deus — o Deus eclesiástico, ou o Deus da tradição —, mas, como refere o também teólogo Anselmo Borges (2018),

A negação determinada não significa negação real. A pergunta é, portanto, se Saramago negou realmente Deus ou se, pelo contrário, na negação do deus arbitrário e sanguinário, não está dialecticamente presente o clamor pelo único Deus verdadeiro, o do amor incondicional, o do Anti-mal.

A isso se referia também Manuel Frias Martins no seu ensaio:

[...] a negação deste Deus assassino, criado pelo homem para justificar as ações criminosas do próprio homem, pode identificar um ateu, mas deixa certamente em aberto a possibilidade de o seu ateísmo se complementar por um *inconsciente espiritual* orientado para o *bem humano* enquanto *réplica de uma ordem moral* [...] há em Saramago um *comprometimento emocional* tão profundo com o bem humano, e até mesmo um *investimento afetivo quase preternatural na dignidade do homem*, que, por vezes, a sua luta contra o Deus demónico pode trazer à superfície o rosto de um Deus benigno (2014, p. 81–82; grifo do autor).

Se bem compreendemos a definição saramaguiana de Deus acima citada por Tamayo, o sentido do divino — a possibilidade de Deus — está no grito humano clamando por justiça, por amor, por felicidade — aquela felicidade proclamada nas bem-aventuranças! Ou seja, a recuperação da sua capacidade de se indignar com tudo aquilo que não é humano.

Por isso queremos terminar com mais uma passagem enigmática d’*O Evangelho*, que pode significar muito para o tema que tratamos:

Cala-te, interrompeu Deus [o Pastor], impaciente, o pecado e o Diabo são os dois nomes duma mesma coisa, Que coisa, perguntou Jesus, A ausência de mim, E a ausência de ti, a que se deve, a teres-te retirado tu ou a terem-se retirado de ti, Eu não me retiro nunca, Mas consentes que te deixem, *Quem me deixa, procura-me*, E se não te encontra, a culpa, já se sabe, é do Diabo, Não, disso não é ele culpado, a culpa tenho-a eu, que *não alcanço a chegar onde me buscaram*, estas palavras proferiu-as Deus com uma pungente e inesperada tristeza, como se de repente tivesse descoberto limites ao seu poder (Saramago, 2008, p. 386, grifo nosso).

A “pungente e inesperada tristeza” de Deus, nesta passagem — por não conseguir chegar àqueles que o procuram —, assemelha-se à “insuportável melancolia” de Saramago em Santos Lugares, na Argentina, perante uma crença reduzida a superstições: será tudo uma questão de espiritualidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras e entrevistas de Saramago:

- Aguilera, F. G. (Org.) (2010). As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras.
- Reis, C. (2008). Diálogos com José Saramago. Lisboa: Editorial Caminho. [1.ª edição: 1998]
- Saramago, J. (1991, Novembro). “Deus é o mau da fita”. Entrevista de José Carlos de Vasconcelos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, xi (487), 8-10.
- Saramago, J. (1992). Entrevista de José Saramago no programa Roda Viva, da TV Cultura, a 7 de setembro de 1992. Acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=2tcmIDH19e0> (a 11-8-2022).
- Saramago, J. (1997). Cuadernos de Lanzarote I (1993-1995). Madrid: Alfaguara [epub].
- Saramago, J. (1998). Entrevista de José Saramago no programa Roda Viva, da TV Cultura, a 26 de outubro de 1998. Acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wt8qVW2xlzU> (a 11-8-2022).
- Saramago, J. (2001). Cuadernos de Lanzarote II (1996-1997). Madrid: Alfaguara [epub].

Saramago, J. (2002). “¿La izquierda no tiene ni puta idea del mundo?” Entrevista de Eduardo Mazo, a xx de marzo de 2002. Acessado em: https://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=28 (a 21-8-2022).

Saramago, J. (2008). O Evangelho segundo Jesus Cristo. 29.ª ed. Lisboa: Editorial Caminho.

Saramago, J. (2009). El Cuaderno. Madrid: Alfaguara [epub].

Saramago, J. (2010). El ultimo cuaderno. Madrid: Alfaguara [epub].

Saramago, J. (2011). Caim. São Paulo: Companhia das Letras [epub].

Saramago, J. & Mendonça, J. T. (2009, Outubro). “O que me vale, caro Tolentino, é que já não há fogueiras em São Domingos!”. *Expresso* (24 de outubro), 1.º Caderno, 20-21. Acessado em: <https://expresso.pt/actualidade/jose-saramago-o-que-me-vale-carro-tolentino-e-que-ja-nao-ha-fogueiras-em-sao-domingos=f543411> (a 10-8-2022).

Saramago, J. & Neves, J. C. das (2009). “Frente a frente” do *Jornal das 9 da SIC*, a 23 de outubro de 2009. Acessado em: <https://videos.sapo.pt/TIFds5tBuhMm4gePVIpb> & <https://desporto.sapo.pt/video/neSn2mw68WqM4jG59Zbe> (a 11-8-2022).

Estudos e ensaios:

- Borges, A. (2018). Sobre Saramago e Deus. *Blog Raíz e Utopia*, 28-11-2018. Acessado em: <https://e-cultura.blogs.sapo.pt/sobre-saramago-e-deus-731731> (a 18-8-2022).
- Caron, N. (2007). Thomas Paine en guerre contre les ‘faiseurs de Bibles’. *RSÉEA*, xvii-xviii (64), 231-245.
- Cotoni, M.-H. (1986). Quelques lecteurs de la Bible: Voltaire, Rousseau, Diderot. In Y. Belaval & D. Bourel (Eds.). *Le Siècle des Lumières et la Bible* (p. 779-803). Paris: Beauchesne.
- Gargett, G. (2009). Voltaire and the Bible. In N. Cronk (Ed.). *The Cambridge Companion to Voltaire* (p. 193-204). Cambridge/ N. Torque: Cambridge University Press.
- Lohfink, N. (1978). Altes Testament – Ethos der Weltgestaltung. In N. Lohfink & R. Pesch (1978). *Weltgestaltung und Gewaltlosigkeit: Ethische Aspekte des Alten und Neuen Testaments in ihrer Einheit und ihrem Gegensatz* (p. 9-24). Düsseldorf: Patmos-Verlag.
- Martins, M. F. (2014). A espiritualidade clandestina de José Saramago. Lisboa: Fundação José Saramago.
- Mendonça, J. T. (2015). A espiritualidade clandestina de Saramago. *Expresso, Caderno E*, p. 90.
- Oliveira, S. F. de A. de (2002). As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

Paine, T. (1827). *The Age of Reason*. In Two Parts. Nova Iorque: G. N. Devriers.

Pinto, P. (2016). “Um manual de maus costumes”: José Saramago e o antibibliismo. *Diacrítica*, 30 (3) [Dossier: Negativos na literatura], 43-54.

Räisänen, H. (2005). Marcion. In A. Marjanen & P. Luomanen (Eds.). *A Companion to Second-Century Christian “Heretics”* (p. 100-124). Leiden/Boston: Brill.

Römer, T. (2002). Tendences dualistes dans quelques écrits bibliques de l'époque perse. *Transeuphratène*, n.º 23, 45-58.

Römer, T. (2022, Février). “La seule manière de parler de Dieu, c'est de faire parler les hommes”: interview à Sixtine Chartier. *La Vie*, 11 février. Acessado em: <https://www.lavie.fr/christianisme/temoignage/thomas-romer-la-seule-maniere-de-parler-de-dieu-cest-de-faire-parler-les-hommes-80389.php> (a 16-8-22).

Sesboüé, B. (1990). *Jesucristo el único mediador: ensayo sobre la redención y la salvación*. Tomo 1. Salamanca: Secretariado Trinitario.

Tamayo, J. J. (2022, Junio). Mis encuentros con José Saramago: “Dios, el gran silencio del universo”. *InfoLibre*, 21 de junio. Acessado em: https://www.infolibre.es/opinion/ideas-propias/encuentros-jose-saramago-dios-gran-silencio-universo_129_1262589.html (a 18-8-2022).

Vaz, A. dos S. (2002). A imagem de um Deus violento na Bíblia. *Didaskalia*, xxxii, 61-109.

Voltaire (1776). *La Bible enfin expliquée par plusieurs aumôniers de S. M. L. R. D. P.* Genebra.

O AUTOR

Porfírio Pinto

Doutor em Estudos de Literatura e Cultura pela Universidade de Lisboa. Investigador contratado, ligado à Universidade Aberta – Cátedra CIPSH de Estudos Globais, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001 Lisboa, Portugal. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) e do Centro de Estudos Globais (CEG).
ORCID: 0000 0003 3127 1420.
E-mail: porpinto@gmail.com.